

Uma análise da industrialização e desindustrialização no Brasil e Montes Claros/MG*

João Paulo Augusto Eça – UNIMONTES

Prof. Dr. Roney Versiani Sindeaux – UNIMONTES

Área Temática: Economia

Resumo

Neste artigo analisaremos o processo de industrialização do Brasil e da cidade Montes Claros/MG. No âmbito nacional discutiremos também sobre o processo de desindustrialização, sendo tal processo representado pela perda de participação no PIB e do contingente ocupacional. Para isso utilizamos de pesquisas bibliográficas e de dados da RAIS - Ministério do Trabalho e Emprego e Fundação João Pinheiro a fim de dar consistência à análise. Observa-se com o estudo que a variação da Indústria da cidade de Montes Claros, tanto na participação no PIB quanto no número de vínculos, possui algumas semelhanças com o que vem ocorrendo no contexto nacional.

Palavras-chave: desindustrialização; indústria; Montes Claros.

* Este trabalho contou com o apoio da FAPEMIG.

Introdução

No século XIX a comercialização do café foi de fundamental importância para que, tempos mais tarde, a implementação da indústria no Brasil fosse concretizada. Havia uma grande demanda mundial pelo café brasileiro, sobretudo por parte dos Estados Unidos que buscavam evitar a comercialização com a Inglaterra e suas colônias, e por uma questão geográfica, uma vez que a proximidade com Brasil facilitava o comércio. Além do acúmulo de capital neste período, o Brasil contou com investimentos ingleses para o melhoramento da infra-estrutura a fim de auxiliar na produção e no transporte do café produzido. (JUNIOR, 2004).

Segundo Baer existiam poucas oficinas em meados do século XIX, estas estavam concentradas principalmente no setor têxtil, sobretudo pelo privilégio concedido à importação de maquinário. A indústria Têxtil cresceu gradativamente desde meados do século XIX, e já no final da década de 1920 chegou a atender cerca de 90% do consumo doméstico.

Com a crise de 1929 – Grande Depressão – o setor cafeeiro brasileiro foi drasticamente afetado, pois os Estados Unidos, maiores consumidores do café, devido à crise, diminuíram consideravelmente suas importações. Em 1931 o preço do café chegou a alcançar um terço do preço que alcançara em 1929 (BAER, 1995). Contudo a decadência do setor fez com que houvesse mão-de-obra e investimentos disponíveis para a fomentação da Indústria

Na década de 30, com o declínio da exportação agrícola e os efeitos da Grande Depressão, o Estado teve um papel fundamental para a industrialização. Segundo Versiani e Suzigan com a taxa de câmbio baixa e a alta demanda por produtos manufaturados existentes, principalmente, em função da renda gerada em atividades vinculadas ao mercado interno, criou-se um ambiente favorável à proteção da indústria e controle quantitativo das importações. A consequência foi a ampliação da indústria brasileira com a substituição da importação de bens de consumos e de bens intermediários. A partir desses acontecimentos é notório o avanço na indústria, o setor têxtil, por exemplo, em 1939 havia crescido 147% com relação ao ano de 1929 (Baer 1995).

Durante a Segunda Guerra Mundial houve uma redução do ritmo de crescimento industrial brasileiro. Segundo Bresser Pereira:

“A causa básica dessa redução do ritmo de desenvolvimento [...] pode ser encontrada em um fato muito simples: o desenvolvimento industrial brasileiro estava ainda na dependência quase total da importação de equipamentos.” (BRESSER-PEREIRA; MARCONI, 2010)

Devido à guerra os países desenvolvidos diminuíram consideravelmente suas exportações, atingindo a indústria brasileira que ainda dependia dos produtos estrangeiros. Durante o período de guerra restou às indústrias brasileiras utilizarem o maquinário existente.

A partir de 1950 o Estado brasileiro passou a empenhar mais ativamente e organizadamente no desenvolvimento da indústria. A realização de diagnóstico descobrindo “pontos de estrangulamento” nas áreas de transporte, energia, agricultura e indústria levou à criação do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), que mais tarde seria de fundamental importância no desenvolvimento da indústria de base e na diversificação da indústria da transformação. (VERSIANI e SUZIGAN, 1990).

Com o governo de Juscelino Kubitschek (1956 – 61) a indústria brasileira passou por um período de crescimento. Kubitschek criou o Conselho de Desenvolvimento Nacional que formulou

o Programa de Metas, tal plano contemplava investimentos em cinco áreas gerais: energia, transporte, fornecimento de alimentos, indústria de base e educação. Segundo Baer no que tange à indústria as metas referiam-se ao desenvolvimento do aço, do alumínio, do cimento, da celulose, da indústria automotiva, da maquinaria pesada e dos produtos químicos. Estes seriam os “pontos de desenvolvimento” que dariam ritmo a industrialização futura

A implementação da indústria automobilística no Brasil fora um fenômeno econômico preponderante para o crescimento industrial. De acordo com Bresser Pereira (1968) a indústria automobilística inicia-se em 1955 praticamente da estaca zero, atingindo em 1960 uma produção de 133.078 veículos. A indústria de automóvel proporcionou ao Brasil um crescimento de empregos e investimentos nas indústrias de autopeças, para as indústrias de base, para o comércio de veículos etc.

No período entre 1967 a 1973 o Brasil passa por um período chamado “Milagre Econômico” (BRESSER PEREIRA, 1982). A determinação dos militares de transformar o País em uma potência emergente proporcionou investimentos em infraestrutura - rodovias, ferrovias, telecomunicações, portos, usinas hidrelétricas - em indústrias de base – mineração e siderúrgica – nas indústrias de transformação e na agroindústria de alimentos. No início da década de 70 a economia demonstrava resultados favoráveis, com a indústria crescendo 18% ao ano¹.

A crise do petróleo e a alta internacional de juros contribuíram para queda da aceleração e expansão industrial brasileira. Com a enorme dificuldade de financiamento externo o Brasil, nos anos 80, mergulha em um cenário de desequilíbrio do balanço de pagamentos e descontrole inflacionário. De 1981 a 1983 a produção da indústria caiu 17%, o investimento diminuiu bem como o emprego industrial que sofreu queda de 20%. O mais grave, ainda, fora o abandono de programas e pesquisas em setores de tecnologia de ponta e na modernização de indústrias tradicionais (SUZIGAN 1988). Sobre os anos 80, Suzigan conclui que:

“O Estado não apenas deixou de orientar como retardou o desenvolvimento industrial. A indefinição de uma política industrial, o drástico corte nos investimentos públicos e privados e a redução no esforço de incorporação de progresso técnico [...] torna muito mais sério à sociedade brasileira o desafio de tornar-se competitiva a nível internacional e garantir sua inserção na economia mundial.” (SUZIGAN 1988)

Desindustrialização brasileira

O termo desindustrialização pode ser tomado como perda persistente de participação da indústria no valor adicionado e no emprego de um país (Scatolin et al 2006). A desindustrialização é muitas vezes entendida como algo negativo ligado à destruição da indústria. Porém, na maioria das vezes, é uma consequência natural do crescimento econômico gerando melhor qualidade de vida à população. Em um processo econômico bem sucedido no primeiro momento cai a participação da agropecuária no Produto Interno Bruto (PIB) e aumenta a participação industrial. No segundo momento, com a indústria amadurecida, o setor de serviços aumenta sua participação e consequentemente a indústria perde peso (IEDI, 2005). Trata-se de um processo virtuoso, natural, no desenvolvimento da economia.

Não obstante, o cenário que se percebe não só no Brasil, mas em grande parte da América Latina é uma “desindustrialização negativa”, com participações precocemente reduzidas do PIB e

¹ Contudo há autores como Lima e Konrad (2013) que consideram o “Milagre” Econômico um modelo frágil e superficial, pois se baseava em adquirir financiamentos externos a fim de proporcionar maior produtividade interna e desta maneira conseguir pagar tais financiamentos. Porém, tal produtividade não ocorreu como desejado o que gerou uma imensa dívida externa. Devido a Política salarial vigente, criada para propiciar acúmulo de capital, parte da população brasileira não conseguiu se beneficiar do “Milagre” (LIMA; KONRAD, 2013).

de emprego. Segundo Stocolin et al (2006) países da América Latina, como Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, por razões distintas aos dos países industrializados começaram a desindustrializar durante a década de 80. A desindustrialização precoce seria consequência da fraqueza industrial e tecnológica, juntamente com fenômenos do tipo “doença holandesa” (*Dutch disease*).²³

A queda de participação da indústria no PIB tem início nos anos 80 com a crise inflacionária vivida pelo Brasil e as políticas econômicas que objetivavam conter a ameaça de hiperinflação. Já nos anos 90, a abertura comercial juntamente com a sobrevalorização da moeda nacional contribuiu efetivamente para a desindustrialização. (IEDI, 2005)

O DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômico) agrupou oito pontos que considera ter influência direta na desindustrialização, são eles:

- Excessiva valorização cambial;
- Altas taxas de juros;
- Estrutura tributária ineficiente;
- Problemas de infra-estrutura;
- Excesso de burocracia;
- Grande vantagem comparativa na produção de bens primários;
- Acumulação insuficiente de poupança;
- Educação formal insuficiente e baixa qualificação da mão de obra.

Com a abertura comercial dos anos 90 seria inevitável mudanças no setor da indústria, não obstante o Estado deveria intervir com políticas econômicas que ajustassem e modernizassem a indústria brasileira a fim de minimizar os impactos causados pela abertura.

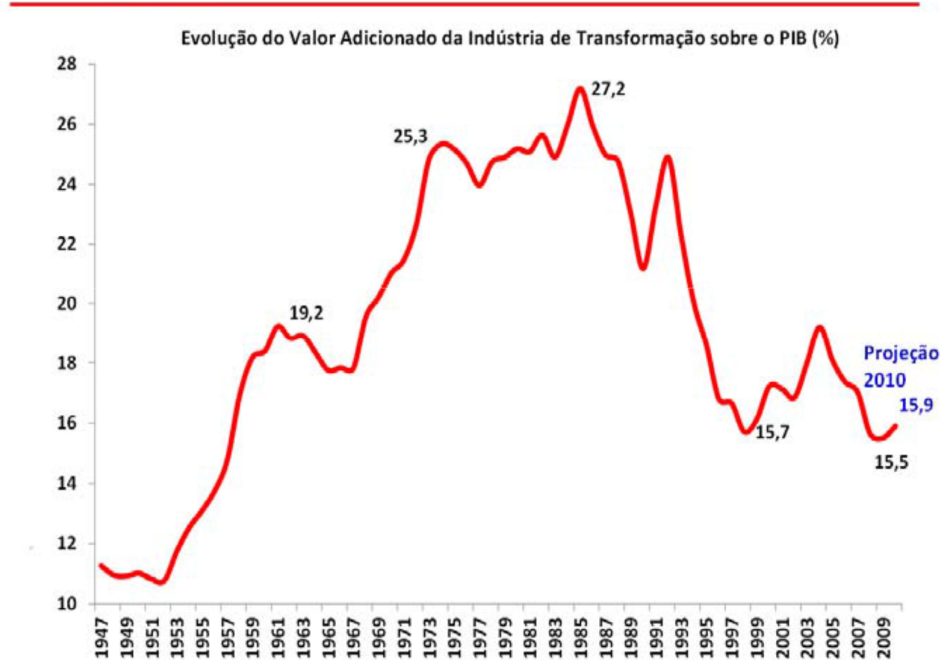
O gráfico 1 demonstra a queda da participação indústria de transformação no PIB ao longo dos anos 1990. Apresentou um aumento em 1999, mas logo em 2003, em decorrência da elevada exportação de *commodities* agrícolas, apresenta uma nova queda.

Conforme exposto anteriormente a desindustrialização não representa um problema em si. A preocupação que se tem é de que, no Brasil, este processo estaria acontecendo precocemente quando comparado aos países ricos, pois no momento em que eles passavam por tal processo possuíam uma renda per capita bem mais elevada. (SCATOLIN et al, 2006)

² “[...] um fenômeno decorrente de recursos naturais abundantes que geram vantagens comparativas ao país que os possui, e segundo os mecanismos de mercado pode levar a especializar na produção destes bens e não industrializar ou terminar se desindustrializando, o que inibe o processo de desenvolvimento econômico.” (Bresser Pereira e Marconi 2010)

³ Há também a chamada “desindustrialização relativa” que explicaria o baixo desempenho da indústria brasileira. Uma vez que os setores que substituíram a Indústria como líder de crescimento do PIB não tiveram o mesmo impacto sobre a sua própria dinâmica e a de outros setores como tinha a indústria, dando lugar a um moderado crescimento. (IEDI, 2005)

Gráfico 1: Evolução do Valor Adicionado da Indústria de transformação sobre o PIB



Fonte: DIESSE (Departamento Intersindical de estatística e estudos socioeconômicos). Desindustrialização: conceito e a situação do Brasil. NOTA TÉCNICA N 100

A Industrialização em Montes Claros – MG

O Norte de Minas tem sua história vinculada à expansão da pecuária advinda do nordeste e das bandeiras paulistas. A região do Norte de Minas consolidou-se a partir do comércio, que ligado à dinâmica da região mineradora, deu origem a centros urbanos comerciais, contudo a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência continuaram sendo a base da economia norte mineira até o século XIX (SINDEAUX, 2012). As primeiras indústrias surgiram no Norte de Minas em função do crescente comércio de algodão na região. As primeiras indústrias estavam ligadas ao setor têxtil, embalado pelo crescimento do comércio de algodão. No final do século XIX, com a inauguração de Belo Horizonte e com implantação de ferrovias, houve uma elevada dinamização da região que perdurou até os anos 50, incrementando o comércio de gado e dando origem às fazendas de engorda (SINDEAUX, 2012). Embora a instalação da ferrovia tenha trazido avanços e dinamismos à economia regional a região continuou dependente da atividade pecuária.

A SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) foi preponderante para o crescimento econômico da região. Criada com o objetivo de diminuir a desigualdade entre o Nordeste e as regiões desenvolvidas do Centro-Sul (SINDEAUX, 2012).

A partir da década de 70 a SUDENE seria responsável por desenvolver a agricultura, fornecendo bens alimentícios a baixo custo de modo que criasse um ambiente favorável à industrialização. Ainda que a falta de infra-estrutura na região norte mineira inibisse o pleno desenvolvimento concedido pela SUDENE. Após 1965, com a melhora da infra-estrutura a região entrou em processo de industrialização.

Ao longo dos anos 70 e início dos anos 80 a indústria passou a ter mais expressividade no contexto econômico da região. De acordo com Braga:

“Sem dúvida, possui a região, hoje, um parque industrial de importância muito mais significativa do que possuía a décadas passadas. Foi impulsionada a implantação cada vez mais crescente de novas indústrias, em face à política de incentivos fiscais e governamentais, oriundos da SUDENE, executada, principalmente na última década. Em consequência, houve uma acentuada mudança na estrutura de produção”

(BRAGA, 1985).

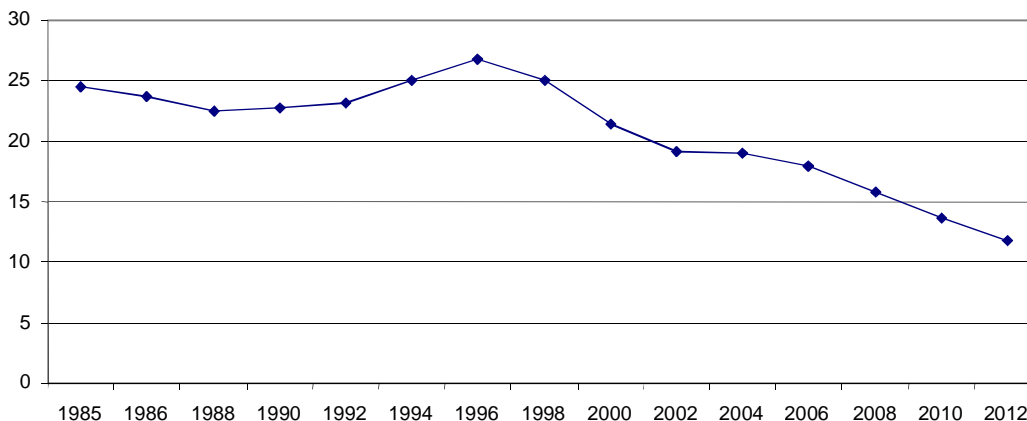
No decorrer da década de 80 e 90 os investimentos da SUDENE foram diminuindo gradativamente. No entanto no tempo em que a atuação da SUDENE se fez presente no Norte de Minas houve incontestável mudança, não só na economia, como também características sociais e na dinâmica demográfica regional, embora alguns municípios como Montes Claros, devido à infraestrutura, tenham recebido maiores influências. (SINDEAUX 2012)

Os reflexos da desindustrialização na cidade de Montes Claros – MG

Partindo da perspectiva que desindustrialização é “perda persistente de participação da indústria no valor adicionado e no emprego de um país” (Stocolin et al 2006) e que o Brasil passou por um processo de desindustrialização gradual, faremos uma análise de alguns setores da economia da cidade de Montes Claros – MG com o intuito de encontrar possíveis semelhanças com que tem ocorrido no Brasil.

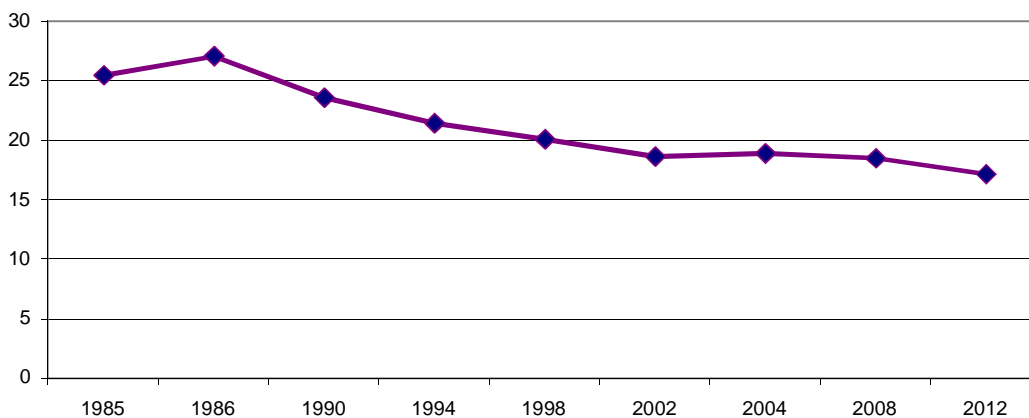
A indústria da transformação ao longo dos anos vem perdendo peso no que diz respeito à participação no total de vínculos. Segundo dados da RAIS em 1985 a Indústria da transformação montesclarenses era responsável por aproximadamente 25% do total de vínculos, já em 2012 passou a corresponder por aproximadamente 12% dos vínculos (Gráfico 2). Portanto a indústria da transformação sofreu uma queda de aproximados 13%. No cenário brasileiro podemos detectar proximidades do caso de Montes Claros, em 1985 a indústria da Transformação era responsável por 25.% e em 2012 ocupava aproximados 17% do total de vínculos (Gráfico 3). Uma queda de aproximadamente 8%. Portanto em ambos os casos há uma diminuição da participação da indústria, sendo possível que Montes Claros pode ter sofrido reflexos da desindustrialização brasileira, ainda que com menor impacto.

Gráfico 2 - Variação da participação da Indústria da Transformação no total de vínculos em Montes Claros (%)



Fonte: Rais/MTE

Gráfico 3 - Variação da participação da Indústria da Transformação no total de vínculos no Brasil (%)

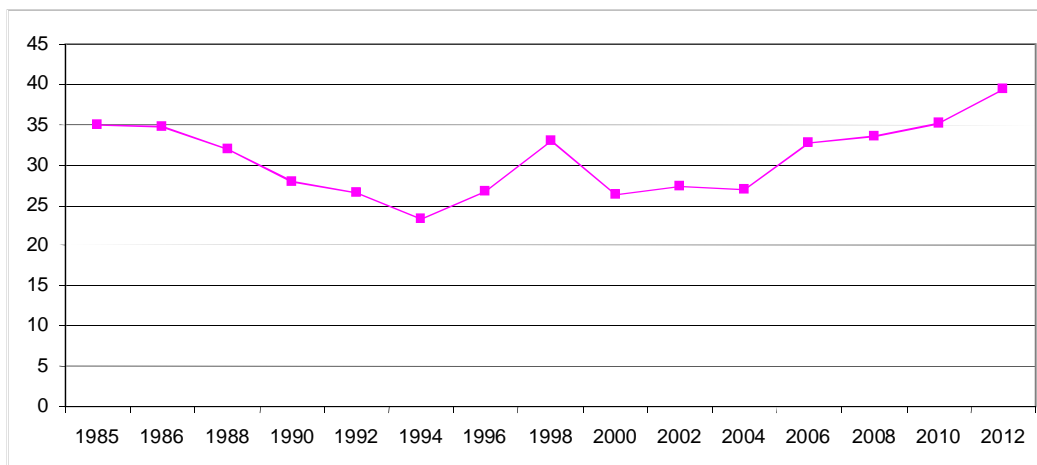


Fonte: Rais/ MTE

O setor de serviços em Montes Claros, por sua vez, a partir de 1994 apresentou crescimento, porém com oscilações ao longo dos anos, sendo que em 2012 atingiu o maior grau de participação do total de vínculos, 39%, aproximadamente 16% a mais que no ano de 1994 (Gráfico 4). Quando se observa no âmbito nacional verifica-se um crescimento menos expressivo que o de Montes Claros e com menos oscilações. De acordo com o gráfico 5 o crescimento do Setor de Serviços brasileiro – assim como a de Montes Claros – apresentou um aumento a partir do ano de 1994. O setor de Serviços no âmbito nacional cresceu aproximadamente 7% de 1994 a 2012, cerca de 9% a menos que o de Montes Claros.

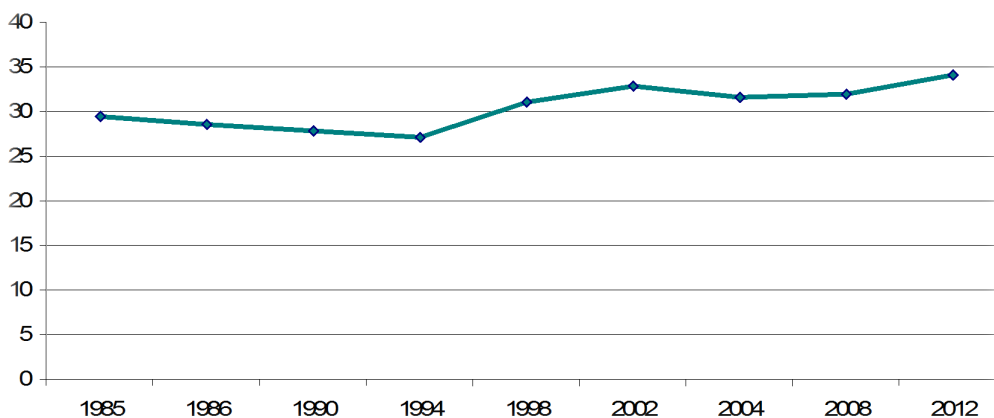
Levando em consideração a teoria de desindustrialização em que a indústria perde participação nos vínculos enquanto o setor de serviços ganha. É compreensível que tal setor possua maior participação em Montes Claros do que quando comparado ao Brasil, uma vez que em Montes Claros o nível de perda de participação dos vínculos na indústria foi maior que aquele evidenciado no País.

Gráfico 4 - Variação da participação dos Serviços no total de vínculos em Montes Claros (%)



Fonte: Rais/MTE

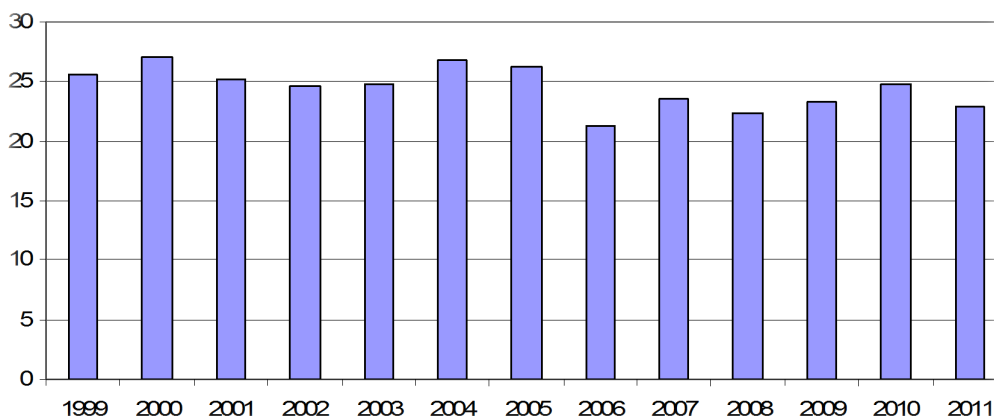
Gráfico 5 - Variação da participação dos Serviços no total de vínculos no Brasil (%)



Fonte: Rais/ MTE

Em 1999 o PIB da Indústria e Construção Civil de Montes Claros era de R\$ 319.220,00 o que representa cerca de 26% do PIB município. No decorrer dos anos o PIB oscilou em menor proporção, fechando o ano de 2011 com aproximados 23% do PIB (Gráfico 6). Como pudemos ver, no gráfico 1, a Indústria da Transformação em 1985 representava 27,2% do PIB, já em 2010 passou a representar aproximadamente 16%.

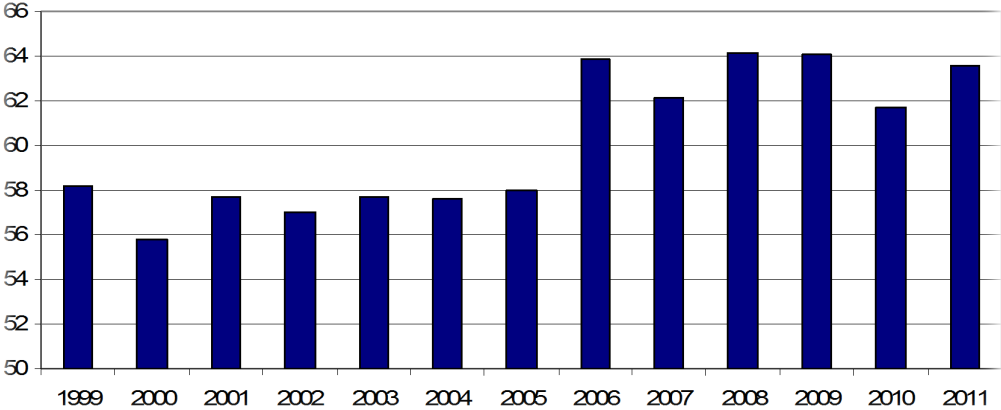
Gráfico 6 - Variação da participação da Indústria e Construção Civil no total PIB de Montes Claros (%)



Fonte: Fundação João Pinheiro

Os setores do Comércio e Serviço apresentaram um aumento no PIB desde 1999. No final da década de 90 os dois setores representavam cerca de 58 % do PIB de Montes Claros. Já em 2011 os mesmos setores representaram aproximadamente 64% (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Variação da participação do Comércio e Serviços no total PIB de Montes Claros (%)



Fonte: Fundação João Pinheiro

Conclusão

Os dados citados demonstram uma perda de espaço da indústria como ocupadora de mão de obra e no PIB, em nível nacional. A indústria de transformação brasileira, sobretudo ao longo dos anos 90, apresentou queda na participação no PIB. Nota-se declínio, também, na porcentagem do total de vínculos formais. A abertura comercial e as políticas macroeconômicas adotadas pelo governo à época propiciaram ao Brasil uma desindustrialização precoce. Quando comparamos este cenário nacional com a situação da cidade de Montes Claros/MG encontramos algumas semelhanças, tais como, a queda na participação da indústria no PIB, em contrapartida um aumento de participação nos vínculos no setor de Serviços. Estes fatos alimentam a possibilidade da Indústria em Montes Claros ter sofrido reflexos das mudanças ocorridas no contexto econômico nacional. Não sendo objeto de estudo deste artigo encontrar as causas dessa possível desindustrialização no município, tampouco discorrer sobre as vantagens e/ou desvantagens desse processo, mas provocar indagações e despertar estudos sobre o assunto, é possível concluir que a indústria de transformação de Montes Claros está efetivamente perdendo espaço, sobretudo para o setor de serviços e comércio e tal perda, considerando o processo de desenvolvimento do município, é prematura, uma vez que a cidade não amadureceu seu processo de industrialização para contar com uma indústria fortalecida. O processo de perda de espaço da indústria no município é semelhante ao que vem acontecendo no cenário nacional, indicando, possivelmente, que o ocorrido em Montes Claros é reflexo também da perda de espaço da indústria nacional para outros setores. É importante, pois, aprofundar o debate e analisar as consequências de tal processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAER, Werner. **A Economia brasileira**. São Paulo: Nobel, 2003. Tradução de: The Brazilian economy : growth and development por Edite Sciulli.

BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. **Industrialização da Área Mineira da SUDENE: Um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.1985

BRESSER-PEREIRA. Luiz Carlos. **Desenvolvimento e crise no Brasil**. São Paulo: Editora brasiliense, 1968.

BRESSER-PEREIRA. Luiz Carlos. **Economia brasileira**. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. MARCONI, Nelson. **Doença holandesa e indústria**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

DIEESE (Departamento Intersindical de estatística e estudos socioeconômicos). **Desindustrialização: conceito e a situação do Brasil**. NOTA TÉCNICA N 100 Junho de 2011. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3052393E013055A36C450E9D/dieese_nt100.pdf> Acesso em:15 de Março de 2014.

IEDI (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial). **Ocorreu uma Desindustrialização no Brasil?** Novembro de 2005. Disponível em <http://www.iedi.org.br/admin_ori/pdf/20051129_desindustrializacao.pdf> Acesso em 6 de Março de 2014.

JÚNIOR, José Aldoril dos Santos. **Industrialização e modelo de substituição de importações no Brasil e na Argentina: uma análise comparada**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Dezembro de 2004. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Economia296201>> Acesso em 18 de Março de 2014

LIMA, Lima; KONRAD, Diorge Alceno. **O “Milagre Econômico brasileiro” e sua relação com a criação do Distrito Industrial de Santa Maria – RS**. Julho de 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364931647_ARQUIVO_2013ANPUH-BrunaLimaDiorgeAlcenoKonrad.pdf> Acesso em 10 de Abril de 2014.

SCATOLIN, Fábio Dória et al. **Desindustrialização? Uma análise comparativa entre Brasil e Paraná 2006**. Porto Alegre: Indic. Econ. FEE, 2007. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/1546/1916>>, acesso em 25 de Março de 2014.

SINDEAUX, Roney Versiani. **Mercado de Trabalho e Controle do Processo de Trabalho na Indústria: Um estudo no Norte de Minas**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2012.

VERSIANI, Flávio R.; SUZIGAN, Wilson. **O Processo brasileiro de industrialização: uma visão geral**. Brasília, UnB, 1990. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/>>, acesso em 21 de março de 2014.